

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO TEODICÉICO DE SAMPAIO BRUNO

Antonio Braz Teixeira

Em 1874, com dezessete anos incompletos, o portuense José Pereira de Sampaio, que dois anos antes, sob o pseudônimo de Bruno, iniciara uma colaboração regular na imprensa do velho burgo nortenho, dava à estampa um volume de “estudos críticos sobre o cristianismo”, ambiciosamente intitulado *Análise da crença cristã*.

Nutrido de deísmo francês, de Rousseau e de Voltaire, o pequeno livro de capa cor de salmão do moço pensador denunciava, igualmente, desde o próprio título até muito do seu conteúdo, o que devia à lição de Pedro Amorim Viana, cuja *Defesa do racionalismo ou análise da fé*, publicada oito anos antes, impressionara vivamente o precoce publicista, que, como outros jovens intelectuais da sua geração, reconhecia na solitária e excêntrica figura do lente de matemática da Academia Politécnica do Porto um autêntico e raro mestre de pensamento livre, ao tempo sem equivalente em terra lusitana.

Proclamando-se, então, deísta, racionalista e espiritualista, o precoce pensador, em termos menos serenos e muito menos refletidos e fundamentados do que os de Amorim Viana, retoma a crítica que este fizera aos principais dogmas do cristianismo, como a noção de queda ou de pecado original, a encarnação e a divindade de Jesus, a Trindade divina, a redenção e a eucaristia, a admissibilidade do milagre ou a intervenção providencial de Deus no mundo, o valor da oração, a possibilidade de ofender a Deus e a idéia de inferno e da eternidade das penas.

O jovem Bruno, neste seu primeiro e imaturo livro, não se limita, contudo, a refletir ou a reproduzir os argumentos ou as razões do mestre, pois não só

faz incidir a sua análise do cristianismo sobre diversas questões que Amorim Viana não considerara, como a crítica da confissão auricular, do celibato dos padres ou do culto público — temas que, com diversa fundamentação e maior desenvolvimento, retomará, trinta anos mais tarde, no livro *A questão religiosa* (1907) — como se afasta do pensamento daquele em alguns aspectos decisivos.

Assim, do mesmo passo que afirma que Deus é essencialmente ativo, pois um só momento de ociosidade seria um momento de imperfeição¹, contrapõe ao criacionismo onto-cosmológico do filósofo-matemático a tese de que a criação é infinita e co-eterna com Deus, já que a matéria sempre existiu, pelo que o ser divino se limitou a dar-lhe organização e vida². Por outro lado, se o seu proclamado espiritualismo denuncia, expressamente, filiação krausista, como, quando, citando Tiberghien, proclama que todo o homem tem um fim a cumprir na criação, o de praticar os deveres morais e de conservar a dignidade da sua natureza, realizar a sua essência na vida, conhecer, amar e respeitar o seu espírito e o seu corpo, desenvolvendo cada um deles segundo o seu ser próprio³, não deixa também o seu pensamento de acusar já evidentes influências evolucionistas e naturalistas. É o que acontece, por exemplo, quando o moço pensador afirma que o Paraíso se encontra no longínquo futuro e não no remoto passado e será obra humana, pois o homem é o progresso físico e intelectual⁴.

Será, porém, no que respeita às relações entre a razão e a fé, a ciência e a religião, que a posição do jovem Bruno mais decidida e notoriamente se diferencia da de Amorim Viana.

Com efeito, enquanto que, para este, não haveria conflito, mas sim plena harmonia entre as verdades da fé e as convicções racionais, já que ambas constituíam revelações divinas, o seu precoce e ainda ignorado discípulo entendia existir uma insuperável oposição entre a ciência e a religião, pois milagre e lei, método e revelação, autoridade religiosa e dúvida científica constituíam realidades inconciliáveis, o que o levava, então, a concluir que o cristianismo e a ciência se excluíam mutuamente e a proclamar que todas as afirmações científicas eram vitórias sobre a religião, assim como todas as afirmações religiosas eram protestos enérgicos contra a ciência.⁵

No seu arrojo juvenil, o imaturo publicista não hesitava em afirmar que o seu objetivo era “destruir o edifício cristão”, pois se lhe antolhava que o cristianismo era “uma religião obsoleta, anacrônica, moribunda”, na qual a verdade não existe, como não existe em qualquer outra religião dos tempos antigos ou modernos. A verdade, segundo o moço pensador, encontrar-se-ia apenas na ciência, nos conhecimentos adquiridos pela inteligência e aferidos pela razão.⁶

Deste modo, para o jovem Bruno, haveria que substituir, de imediato, o cristianismo por uma crença toda deísta, enquanto não fosse chegado o momento adequado a ensinar o povo na filosofia naturalista, que se lhe afigurava a mais racional e a mais filosófica, ao proclamar não existir força sem matéria nem matéria sem força, a infinidade do mundo e a imutabilidade das leis na-

turais, ao reduzir a noção de criação a uma subtilidade teológica, ao conceber o pensamento como um movimento da matéria e o cérebro como a sede e o órgão da alma, que, no homem, não seria mais do que uma alma animal em maior potência, e ao negar a morte e a imortalidade pessoal, porquanto tudo é imortal e indestrutível, variando apenas as formas pelas quais o ser se exprime.⁷

Esta nova filosofia propunha-se o temerário pensador desenvolvê-la numa obra que projetava fazer seguir à *Análise da crença cristã* e que aí anunciou, sob o título de *A idéia de Deus*, e de que chegou a escrever alguns cadernos, que cedo abandonou, ao dar-se conta de necessidade de emendar os erros da doutrina contidos naquele seu imaturo primeiro livro.⁸

No quarto século que mediou entre a prematura e precipitada publicação da *Análise da crença cristã* e a ponderada e longamente refletida redação do “contorno de uma teodicéia positiva” em que veio a converter-se *A idéia de Deus*, primitivamente anunciada como “esboço de uma crítica da teodicéia”, profunda e radical transmutação se deu no pensamento e na atitude mental de Sampaio Bruno, cuja obra especulativa o autor desejaria poder encerrar por uma *Síntese da crença cristã*.⁹

Apresentada, expressamente, como uma homenagem póstuma a Amorim Viana, que acabara de falecer, esquecido e ignorado, e pretendendo ser o “livro amplo, satisfatório e claro” que, de há muito tempo, Bruno projetava dedicar à obra e pensamento do mestre, *A idéia de Deus*, ao mesmo tempo que constitui a mais acabada e completa exposição da visão teodicéica do filósofo portuense, não deixa, igualmente, de exprimir uma concepção em quase tudo contraporar da filosofia da religião contida na *Defesa do racionalismo* e das teses que o mesmo Bruno havia sustentado na obra imatura da sua distante juventude.

Baseia agora o especulativo português a sua reflexão teodicéica na análise e refutação de duas essenciais posições onto-cosmológicas: o dualismo criacionista, que Amorim Viana perfilara, e o monismo de que, na versão proposta por Tobias Barreto, se ocupara já, quatro anos antes, em *O Brasil mental*.¹⁰

Quanto ao primeiro, reputa-o falso, por considerar absurda a idéia de criação do Nada, já que deste coisa alguma pode afirmar-se sem contraditar o princípio de identidade. Por outro lado, o dualismo criacionista implicitamente supõe o Nada como um arremedo de existência, como um resíduo de uma substância, como uma forma misteriosa e última do ser. Assim, segundo o filósofo portuense, o Nada ou é a mera ilusão de uma existência lógica, uma entidade fictícia, como o ponto material ou o infinitamente pequeno, carecendo, por isso, de existência real, ou terá de ser entendido quer como a causa eficiente da existência, em virtude de uma ordem do Criador, quer como o instrumento de que o mesmo Criador se serviu para criar, quer, ainda, como o *abstractum* de que Deus fez brotar a existência. Nesta última hipótese, porém, não só o Nada teria uma existência real, como ainda, no primeiro caso, se apresentaria como o verdadeiro Criador, ou implicaria uma insanável contra-

dição nos dois restantes, pois existiria antes da própria criação, de que seria, então, instrumento ou elemento essencial.¹¹

Por seu turno, o monismo afigura-se-lhe igualmente falso, tanto na sua versão ateísta como na sua versão panteísta. No primeiro caso, a sua falsidade decorreria do fato de que, em Deus, o universo se apresentaria como ininteligível, pois, sendo a natureza razão que se resolve em ciência, que é pensamento e sistema de idéias, tudo, então, emergiria do nada. Se, pelo contrário, o monismo se apresenta como panteísta, a sua falsidade resultaria de a imanência substantiva de Deus ou do Absoluto no universo tornar inconciliável a evolução progressiva do mesmo universo e a existência do erro e do mal com a quietude da perfeição que é da essência do próprio ser divino.¹²

Afastados, assim, tanto o criacionismo e panteísmo como o ateísmo, que não poderia satisfazer este livre pensador religioso, cuja crença em Deus não sofria vacilação ou dúvida e cujo pensamento teodicéico era movido pelo “anelo de um misticismo idealista”, abria-se a Bruno a via de uma teurgia profética, segundo a qual só um mistério poderia explicar a realidade divina e a origem e o destino do universo.

Assim, segundo o visionário e místico pensador, para quem agora revelação, mistério e milagre eram noções filosoficamente positivas, o drama cósmico admitiria três momentos essenciais e decisivos.

No princípio seria homogêneo, e o homogêneo estava com Deus e o homogêneo era Deus. O homogêneo era, então, a perfeição, o espírito puro e a consciência plena: infinito e invariável, permanente e contínuo, absoluto e necessário. De acordo com o pensamento de Bruno, só uma única noção das que nos são acessíveis reuniria em si todos estes atributos, a de Tempo, o que o levava, então, a afirmar que, no princípio, era o Tempo, homogêneo, infinito, contínuo, imutável, absoluto, necessário, que constituiria o próprio Deus.

Este primordial ser divino, homogêneo, contínuo, infinito, necessário, não permaneceu, porém, e, por via de um mistério indecifrável, diferenciou-se, diversificou-se, de modo que uma parte do tempo se alterou, sofreu uma cisão ou uma queda, de que resultou, por um lado, o Tempo puro, mas diminuído e, por outro, o Tempo alterado, ou o Espaço. Assim, enquanto Tempo puro inicial e completo, Deus, é a eternidade. O Espaço, porque derivado do tempo, de que procede, não só não é absoluto como aquele, como é a introdução do heterogêneo, é o conjunto dos corpos, o domínio da extensão e da descontinuidade.

Deste modo, neste momento, que corresponde ao segundo ato do drama cósmico, encontramos-nos perante três realidades substanciais distintas: Deus ou o espírito puro diminuído — em quantidade, não na qualidade, na potência, não na essência, onisciente, mas não o onipotente — o Tempo alterado ou Espaço material, extenso e descontínuo e o Tempo derivado ou tempo contado no espaço, a que, vulgarmente, chamamos tempo. Três decisivas e essenciais conclusões cosmológicas e metafísicas deduzia Bruno desta sua visão sobre

Deus e o mundo: a de que a matéria não é eterna, como o ser divino, a de que o universo é limitado, pois o infinito era só o Tempo inicial, o homogêneo absoluto e a de que o universo aspira a regressar ao homogêneo inicial, pelo que o movimento é o início e o fundamento de tudo, dele dependendo o avanço na série das formas evolutivas, com vista à reintegração do espírito puro, pela reabsorção final de todo o diferenciado e de todo o heterogêneo.

No entanto, este processo ascendente no caminho da final reintegração do homogêneo inicial só é possível com o socorro que o espírito diminuído, mas puro continuamente, presta ao espírito alterado, que busca a sua libertação, permitindo, assim, que a matéria se vá espiritualizando e convergindo, novamente, para o absoluto. Deste modo, segundo Bruno, não só o fim do homem não é saber nem gozar, nem procurar uma felicidade pessoal ou egoísta, mas sim o de, orientado pela única moral verdadeira, a moral cósmica, ajudar a evolução da natureza e libertar-se a si, libertando os outros seres.

Assim, de acordo com a visão do pensador, a Providência torna-se inteligível como concurso do espírito diminuído com o espírito alterado para, pela libertação deste, o absoluto novamente se completar, reintegrando em si todo o diferenciado e todo o heterogêneo dele separado ou cindindo, do mesmo passo que o milagre adquire plena racionalidade, como emanação que impulsiona o espírito alterado a avançar na libertação e a oração, enquanto aspiração do espírito alterado para o espírito puro, se apresenta como dotada de eficácia.¹³

Se bem que só a moral cósmica possa orientar o homem no cumprimento do seu fim de libertação de todos os seres, porque o processo que conduz à final reintegração implica a espiritualização de tudo quanto é ainda material, apenas o racional verdadeiramente liberta. Daí que, segundo o pensador, no futuro, a revelação haja de ser demonstração, Deus uma proposição irrefutável, uma nova noção científica, uma verdade humanamente acessível e humanamente objetável, algo assente em silogismos e teoremas, suscetível de ser certificado. Daí, também, que o inspirado e visionário filósofo não hesite em penetrar, decididamente, no obscuro e secreto domínio da profecia e, “no fervor de uma esperança essencial”, anunciar, “para os dias experimentalista e dialético,” de “um Cristo cujos prodígios sejam argumentos”, do Paracleto consolador, “triste e sábio, claro e sutil”.¹⁴

Notas

1. *Análise da crença cristã. Estudos críticos sobre o cristianismo*. Porto, 1874, p. 133.

2. Ob. Cit., pp. 17-18.

3. Idem, pp. 243, 290 e 294.

4. Idem, p. 144. Cfr. Joel Serrão, *A gênese da “Análise da crença cristã”*, nos “Temas de Cultura Portuguesa”, vol. I, Lisboa, 1960, pp. 103 e segs.

5. *Análise* cit., pp. 296-298.

6. Idem, pp. 305-309.

7. Idem, pp. XII-XIII, 315 e 317.
8. *A idéia de Deus*. Porto, 1902, pp. XLVI e LVI.
9. A questão religiosa. Porto, 1907. Pp. XXXI-XXXII.
10. *O Brasil mental*. Porto, 1898, pp. 299 e segts.
11. *A idéia de Deus*, pp. 338 e segts. E 398. Cfr. João Ferreira, *A tese da Criação do Nada em "A idéia de Deus"* de Sampaio Bruno, na "Ver. Port. Fil.", tomo XIII, fasc. 4, out.-dez., 1957.
12. *A idéia de Deus*, pp. 377 e 399.
13. Ob. cit., pp. 390 e segts. e 460 e segts.
14. Ob. cit., pp. 479 e segts.